

## A ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS

### *The sociolinguistic approach in teaching portuguese*

*Luís Carlos de Oliveira\**

**RESUMO:** Este trabalho busca demonstrar como a Sociolinguística e seus pressupostos podem favorecer o reconhecimento de variedades linguísticas desvalorizadas socialmente como fenômenos legítimos do português do Brasil que precisam ser respeitados e compreendidos por alunos falantes das variedades prestigiadas que estão em processo de compreensão e de domínio da língua que usam. Nesse sentido, traço como um dos objetivos centrais desse estudo proporcionar a esses sujeitos a reflexão e o pensamento crítico a respeito de como a língua portuguesa efetivamente é usada, tendo em vista, principalmente, os contextos sociais, interacionais e discursivos mais diversificados. A respeito disso, é essencial que não somente o professor de língua portuguesa favoreça a reflexão sobre a língua materna, mas também que toda a escola esteja engajada nessa empreitada. Comungando com a necessidade de se desenvolver uma reflexão sociolinguística nas salas de aula das escolas brasileiras, Bagno (2007, p.116) considera: “É precisamente em torno disso que devemos lutar para criar uma **pedagogia da variação e da mudança linguística**, uma reeducação sociolinguística, em que a língua seja vista como heterogênea, variável, mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade.” Com a finalidade de tornar tais discussões mais satisfatórias à realidade da sala de aula, a investigação aqui descrita é ancorada em um trabalho de pesquisa-ação realizado em uma turma de nono ano de uma escola particular do município de Juiz de Fora (MG). Fundamentado, portanto, na metodologia da pesquisa-ação de base etnográfica, objetiva-se desenvolver uma pedagogia da variação linguística (FARACO, 2008), por meio da Sociolinguística Educacional (BORTONIRICARDO, 2004). Nesse sentido, foi verificado que, a partir dessa proposta, a educação sociolinguística e os pressupostos que a sustentam podem contribuir satisfatoriamente para que alunos da educação básica compreendam, reconheçam e reflitam sobre os processos de variação linguística no português brasileiro de modo a reduzirem a visão equivocada e preconceituosa sobre a diversidade linguística do português do Brasil.

**Palavras-chave:** ensino; Sociolinguística educacional; variação; mudança linguística.

**ABSTRACT:** *This work seeks to show how the Sociolinguistics and its assumptions may favor the recognition devalued linguistic varieties socially as legitimate phenomena of the Portuguese of Brazil that need to be respected and understood by speaking students of the prestigious varieties that are in the process of understanding and mastery of language they use. In this sense, trace as one of the main objectives of this study*

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora – luisjfm@gmail.com

*provide those subject to reflection and critical thinking about how the English language is used effectively, in order, especially the social, interactional and more diverse discourse. In this regard, it is essential that not only the teacher of Portuguese encourages reflection on the mother tongue, but also the whole school is engaged in this endeavor. Communing with the need to develop a sociolinguistic reflection in the classrooms of Brazilian schools, Bagno (2007, p.116) considers: "It is precisely around that we should strive to create a pedagogy of variation and linguistic change, a re-education sociolinguistics, where the language is seen as heterogeneous, variable, changing, subject to the vicissitudes and ups and downs of life in society. "in order to make these more satisfactory discussions to the reality of the classroom, the research described here is anchored in a action research work carried out in a class of ninth grade of a private school in Juiz de Fora city . Based therefore on the methodology of action research ethnographic, the objective is to develop a pedagogy of linguistic variation (FARACO, 2008), by Educational Sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2004). In this sense, it was found that, from this proposal, sociolinguistics education and assumptions that support can contribute satisfactorily to basic education students understand, recognize and reflect on the linguistic variation processes in Brazilian Portuguese in order to reduce vision mistaken and prejudiced on the linguistic diversity of the Portuguese of Brazil.*

**Keywords:** *education; educational sociolinguistics; variation; linguistic change.*

## **Introdução**

A abertura democrática dos portões da escola favoreceu, ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI, a constituição de salas de aula heterogêneas. São espaços em que hoje figuram representantes de diversos setores sociais e de classes: desde operários, agricultores, prestadores de serviço e desempregados a comerciantes e pequenos e microempresários cuja valorização social está diretamente relacionada a fatores de médio e baixo poder econômico.

Trata-se, assim, de alunos que trazem para o meio escolar seus problemas familiares, suas vivências desgastadas pelo abandono das políticas públicas, sua cultura “informal” e seus conflitos de identidade. São esses alunos, brasileiros e brasileiras, que fazem uso de variedades linguísticas desprestigiadas socialmente e que são injustamente estigmatizadas pelas elites política e economicamente dominantes.

Às variedades linguísticas desse público que compõe o democrático e heterogêneo espaço das salas de aula e que constitui, ao mesmo tempo, a base da nação brasileira, se opõe uma variedade linguística utilizada por um outro grupo social, que se

posiciona no lugar “legítimo” da cultura das classes dominantes. Trata-se de uma variedade normatizada pelos falares cultos, de maior prestígio e socialmente aceitos.

Magda Soares (2000, p.17) revela que esse embate cultural faz surgir o fracasso escolar e a produção em série do baixo desempenho dos alunos das classes menos favorecidas:

Em consequência, nesse quadro de confrontos culturais, a linguagem é também o fator de maior relevância nas explicações do fracasso escolar das camadas populares. É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos, eleva as dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.

A partir dessa verdade, a escola comete seu maior equívoco: o de priorizar o ensino de uma variedade linguística padronizada, fortemente ancorada na modalidade escrita e pautada insistentemente na descrição de uma língua padrão, em vez de alicerçar-se em práticas de ensino que favoreçam o respeito às variedades dos alunos que a frequentam de modo que tenham ampliada sua competência no uso da língua materna, sem negar sua própria identidade.

Assim, parto do princípio de que a necessidade de discutir a respeito da variação linguística, dos processos naturais de mudança das línguas vivas e do respeito à diversidade linguística precisa ser pensada como ponto central também nas escolas em que predominam uma parcela socioeconomicamente privilegiada. Por isso, creio que seja fundamental promover, com os alunos de escolas públicas e também privadas, a reflexão sobre a diversidade de usos do português, a distinção entre norma culta, norma padrão e norma popular, o respeito aos diversos falares existentes no Brasil, a consciência dos fenômenos próprios da mudança linguística, a compreensão, identificação e respeito às variedades linguísticas estigmatizadas socialmente a fim de que possam compreender como a língua se constitui, dados os grupos de fala que dela fazem uso em contextos específicos de práticas sociais tão diversas.

Assim, reforço a ideia de que, como a escola não pode desconsiderar os dialetos desprestigiados, não pode também abandonar o falante que, por natureza social, utiliza

uma variedade urbana comum. A meu ver, a instituição escolar é encarregada de aprimorar a linguagem desse falante, de modo que ele tenha sua variedade linguística pensada, reavaliada e aprimorada, além de ser vacinado contra a doença do preconceito linguístico, das discriminações sociais e dos equívocos que reconstróem avaliações negativas e juízos de valor sobre a sociedade e sobre a língua.

## **1 As variedades linguísticas: o contexto social e escolar no Brasil**

Camacho (2013, p.68) analisa a predominância da língua padrão no Brasil e como essa variedade se impõe sócio-historicamente, inclusive por meio da escola, que se torna a agência responsável por divulgar os valores culturais das classes mais favorecidas economicamente. Ele se refere a essa elite socioeconomicamente prestigiada, que necessita ter seu olhar sobre a heterogeneidade das línguas repensado, como uma das responsáveis, juntamente com a mídia, por maximizar os julgamentos negativos que condenam quaisquer outras formas de usos linguísticos, falados pela grande massa populacional. Ele conclui:

Para as elites (...) há, portanto, uma e somente uma língua correta e eficaz a todas as circunstâncias de interação, que se define como norma-padrão. Esse conceito, que não implica nenhuma variedade específica, como a variedade de prestígio dos centros urbanos, representa uma forma institucionalizada de imposição baseada em registros escritos e literários do passado. Adquiriu o direito de ser a língua e de aplicar às demais variedades cuidados repressivos. (Grifo do autor)

Para compreender melhor as ideias que até aqui foram expostas, é preciso que a escola assuma que a língua portuguesa é diversa e se fundamenta nos processos de mudança sociais, econômicos, políticos. Nesse sentido, é fundamental que a escola e todos que dela fazem parte contribuam para a aceitação da diversidade linguística e do respeito às suas mais diferentes formas de expressão, assim como o são os seus representantes.

## **O lugar da variação linguística nas salas de aula de Língua Portuguesa**

O trabalho na sala de aula com a língua portuguesa, no Brasil, foi orientado, ao longo de décadas, pelo ensino da gramática normativa, isto é, por um estudo exclusivamente metalinguístico, mas que já, há algum tempo, vem sendo revisitado por linguistas, professores e estudiosos da área. Contudo, mesmo diante de tantos movimentos que revelam outros olhares para o ensino de língua, muitos são os questionamentos que ainda sustentam as bases do ensino de português na escola, principalmente, no que se refere a o que e como se trabalhar a língua materna na sala de aula.

Diante disso, deixo claro que, para desenvolver nos alunos as competências necessárias para ampliar o domínio da língua, é fundamental que o profissional da educação tenha convicção da concepção de língua e de linguagem por ele adotada.

No que tange o tratamento dado ao português, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN-LP) (BRASIL, 1998) propõem um ensino fundamentado na reflexão sobre o uso da língua e nos processos interacionais que envolvem todas e quaisquer realizações efetivadas por meio da linguagem.

Sob esse prisma, a língua deve ser reconhecida e tratada, na sala de aula, segundo os mais diversificados contextos de uso social e, por isso, é preciso que seja abandonado o estudo da língua isolado das práticas sociais reais, em que há o predomínio de exemplos descontextualizados e de exercícios mecanicistas que enfatizam apenas o ensino da gramática normativa através de estratégias que não favorecem ao aluno a oportunidade de refletir sobre sua língua materna e dominá-la com competência.

Essa mudança de paradigma no ensino de língua pauta-se, inclusive, na concepção da diversidade linguística, apresentando uma visão variacionista da língua e reconhecendo que a variação está diretamente entrelaçada a valores sociais. Por isso, cabe ao professor promover um ensino pautado na variação, onde a cultura, a história e o contexto do falante devam ser levados em conta.

Sob esse ponto de vista, os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, (BRASIL, 1998) reconhecem a língua como uma instituição social viva, mutável e

heterogênea e não como uma estrutura acabada, pronta, única e fundamentada na finalidade exclusiva de estabelecer comunicação. A esse respeito, os PCN salientam:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Levando em conta essas percepções, destaco que o trabalho com a variação linguística passa a ser considerado de suma importância no trabalho da sala de aula, para que os discentes possam superar a crença de que existe uma língua “certa” em oposição a uma língua “errada”, melhor ou pior.

Portanto é de grande relevância o papel exercido pelo docente no desenvolvimento da Pedagogia da Variação Linguística proposta por Faraco (2008, p. 182), segundo a qual deve haver “[...] uma pedagogia que sensibilize as crianças e jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística.”

Essa proposta viabiliza a discussão e uma reflexão mais sistemática acerca da variação linguística e de suas consequências na formação dos alunos. Infelizmente, essa prática, na maioria das vezes, não se faz presente nas escolas ou, quando ocorre, se manifesta de maneira equivocada, extremista e sem reflexão adequada.

Bortoni-Ricardo (2005) reconhece que a sociedade ainda resiste à ideia de que a língua é heterogênea e sofre mudanças. Muitas vezes, somente a norma culta é tida como correta e todas as demais normas são vistas como erradas. Sobre isso, a autora afirma: “Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência.” (BORTONI, 2005, p.13)

É essa norma, usada pela classe dominante, que exclusiva e exaustivamente as escolas têm se dedicado a ensinar como a única garantidora da verdade linguística brasileira, reforçando a ideia de que “[...] tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”. (BORTONI, 2005, p.14)

É necessário questionar e desmistificar o conceito, ainda arraigado na sociedade, de que há uma língua melhor do que outra. A escola precisa aceitar a variedade linguística trazida por seus alunos e levá-los à identificação e conscientização das diferenças linguísticas a fim de promover a diversidade, o respeito e o domínio de uso da própria língua. O que não significa que o ensino deva se basear somente na variedade linguística popular, pois o aluno precisa ter conhecimento das variedades cultas para, nos momentos necessários, poder usá-las com eficiência, como sugere Bortoni-Ricardo (2005, p.15):

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa dos bens culturais, entre os quais a língua é mais importante.

A esse respeito, Cyranka (2011, p.131) reforça que

[...] é preciso construir caminhos para que uma educação linguística seja efetivada na escola de tal modo que propicie a todos os alunos o acesso à variedade culta da língua sem que isso implique na necessidade de abandonar sua variedade vernacular.

Nesse sentido, a escola assume o papel precípua de alargar o repertório linguístico de seus alunos, de modo a possibilitar-lhes outras oportunidades para além das que eles já possuem. Assim, é fundamental educar o aluno para que domine o uso do português. Trata-se de uma ação que deve constituir um ponto essencial nas escolas brasileiras, como afirma Bagno (2013, p.117): “A reeducação sociolinguística tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência”.

Reforça-se, assim, que é papel do educador fazer com que o aluno reconheça que ele próprio possui habilidades de expressão, que ele sabe e conhece o

português, sua língua. Nesse sentido, cabe à escola expandir o conhecimento do estudante sobre a língua falada, balbuciada pela boca e revelada pela oralidade. Por isso, é de grande importância que o docente seja eficiente para trabalhar com os discentes usando os materiais didáticos adequados e diversificados que estão à sua disposição, na escola e na sociedade, para ser realizada a educação sociolinguística, a reflexão de uso da língua a partir dos aspectos sociais que ela compreende.

Sobre o papel do professor, Cyranka (2014, p.154), investe:

Para conseguir desenvolver crenças positivas e adotar atitudes também positivas em relação ao vernáculo de seus alunos, seja da variedade rural, da variedade rurbana ou mesmo da variedade urbana no estilo coloquial, os professores precisam estar sustentados por uma reflexão teórica suficiente. Precisam se tornar também pesquisadores e aprender a encontrar soluções novas a partir do que propõem as teorias linguísticas. Devem ser sensíveis à questão do perigoso distanciamento entre o padrão escolar e a realidade sociocultural de seus alunos, estando aí incluídos seus dialeto e o de sua comunidade linguística. Em vez de investir na valorização pura da norma-padrão, reconhecer nela a ideologia pela qual, certamente, estarão também afetados. Devem ser capazes de responder à tradição e trilhar pelos caminhos novos que lhes são oferecidos pelas perspectivas abertas pela Sociolinguística Educacional. Precisam reconhecer que seus alunos são usuários competentes de um sistema complexo que eles próprios adquiriram naturalmente e com o qual são capazes de atuar em seu meio social.

Nesse sentido, a escola se forma como um espaço de variedades, de culturas diversas, de modelos heterogêneos de vida, de um conjunto de experiências vividas, de processos interacionais também diversificados.

O professor, assim, engajado nesse bojo multicultural e multidialetal, contribui para a tessitura do espaço escolar, desse lugar social que ele ocupa, um lugar de fronteiras onde emergem diversidades e dificuldades, em detrimento das culturas familiares, dos discursos coletivos e individuais, das ideologias sociais, políticas, religiosas.

Diante disso, propor um ensino de língua que estaria baseado em teorias desprovidas de uma reflexão clara sobre os processos de mudança e variação linguística é, sem dúvida, um caminho que desfavorece o domínio das competências de uso do



idioma materno e desconhece o real sentido que damos à linguagem como veículo de interação social e essencialmente dialógica.

Assim sendo, se a língua se revela nas relações sociais e se a sociedade tece sua estrutura a partir das mudanças, a língua acompanha esse movimento, sofre alterações, enfim, revela processos variacionais que não podem ser negados pela escola e que, verdadeiramente, são frutos da diversidade promovida pela interação verbal.

## **2 As reflexões de uma língua em movimento: um estudo de caso**

Para aprofundar as discussões sobre as reflexões em torno do processo de variação linguística na sala de aula, este estudo busca investigar, numa escola da rede privada de Juiz de Fora (MG), a possibilidade de realizar uma reeducação sociolinguística em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, composta por 26 alunos, cuja idade aproximada varia entre 13 e 14 anos.

Com base na metodologia da pesquisa-ação, o trabalho de investigação realizado com essa turma do ensino fundamental proporcionou o que Kemmis & Mc Taggart (1988) apontam como uma atividade colaborativa e que sugere mudanças ao longo da prática real do professor, uma vez que é desenvolvida pelos próprios participantes inseridos nesse processo (professor-pesquisador e alunos). Thiollent (2011, p.20) define mais claramente a pesquisa-ação como

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Com a intenção de assinalar como a Sociolinguística e a pedagogia da variação linguística podem contribuir para compreender como o português do Brasil é usado nas mais diversas práticas sociais, a descrição a seguir ilustra, pontualmente, as reflexões que os alunos assumiram diante da língua que usam.

Nestas vinhetas, pude constatar como os estudantes apreenderam a realidade do uso do português e de seus valores culturais, regionais, sociais como elementos que

integram a identidade do falante. O fragmento a seguir, extraído da obra *Conversas ao pé do fogo*, Cornélio Pires<sup>1</sup>, trabalhado em sala de aula, foi o grande motivador para essas discussões:

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz-mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de toicinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela fumaça, de unhas encanoadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

— Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e póde morrê de ataque de cabeça! Despois do armoço num far-má... mais despois da janta?!

Após a leitura desse fragmento de texto e de algumas reflexões de base histórica, literária e discursiva a seu respeito, surgiram algumas questões sobre variação linguística, reveladas no recorte abaixo e sobre o qual traçarei uma análise mais apurada:

**Professor:** A gente pode considerar que essa forma de usar a língua, “drumi”, é... “armoço”, “far-má”, “despois”, “pisadêra”, é um uso errado do português? O que vocês acham?

**Alunos:** Não.

**Professor:** Mas... por quê não?

**Ana Maria**<sup>2</sup>: Não, não está errado porque a gente entende essas palavras que eles falam, mas que nós nem sempre usamos.

**Professor:** O que mais?

**Alessandro:** A gente percebe que língua não é uma só, não é usada de uma mesma maneira, não é homogênea.

**Professor:** Por que a língua não é homogênea? O que isso significa?

**Isabela:** Porque existem vários modos de falar o português, a gente usa o português de jeitos diferentes, a gente fala uma mesma coisa de

<sup>1</sup> Cornélio Pires nasceu na cidade de Tietê, interior de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884 e faleceu aos 73 anos em 17 de fevereiro de 1958. Este fragmento de texto, bem como o que será descrito a seguir, foram extraídos do livro *Conversas ao Pé do Fogo* (PIRES, 2002).

<sup>2</sup> Neste texto, foram omitidos os nomes reais dos alunos que fizeram parte dessa pesquisa-ação, a fim de preservar suas identidades. Em vista disso, os alunos são identificados por outros nomes próprios – nomes fantasias - a fim de tornar tais interações mais satisfatórias.

diferentes formas, ela varia. É igual “drumi” que a gente acha estranho, mas eles não, porque nós falamos “durmir”.

**Professor:** E em vez de afirmarmos que a língua é falada de modo certo ou errado, o que podemos pensar sobre isso?

**André:** A gente pode falar que a gente usa a língua de formas diferentes, de acordo com quem a gente tá falando.

**João:** Éh... de acordo com o contexto.

**José:** A gente vai levar em conta a história de vida da pessoa...

**Yasmin:** ... A escolaridade...

**Professor:** Isso...E o quê mais?

**Alessandro:** O que significa a história de vida da pessoa? O meio rural ou o urbano da pessoa? Não entendi!

**Maria Eduarda:** (*Voltando-se para o colega*) A vida da pessoa, onde ela nasceu, as pessoas com quem ela conviveu a vida inteira, igual o autor desse texto aqui, que viveu uma vida simples, sem muito estudo.

**Professor:** Exato... tudo isso marca a língua que a pessoa usa, define a forma de usar a língua desse indivíduo... Isso que representa a história de vida, sabe? Não é só pensar que ela mora no meio rural ou no meio urbano...

A partir desse recorte, observei que os alunos, aos poucos, foram assimilando o *status* variacional próprio das línguas naturais, ou seja, as condições que revelam que o português, tal como todas as línguas vivas, é heterogêneo, mutável e mais, que a língua que o sujeito usa está diretamente relacionada à identidade social e à história pessoal do falante.

Pude verificar, segundo a vinheta acima, que os alunos foram, aos poucos, se apropriando de palavras e expressões que apontam para a compreensão de que as línguas naturais estão em constante mudança, especificamente ao empregarem palavras como “homogênea”, “heterogênea”, “história de vida”, “ela varia”.

Nessa discussão, destaco a consciência dos alunos sobre os fatores externos à própria língua, os quais colaboram para o seu processo de mudança, como pode ser observado na fala do José ao revelar que a mudança linguística está ligada à história de vida do falante.

É válido destacar que, nessa mesma interação, os valores sociais e culturais presentes no senso comum quanto a “falar certo” e “falar errado” são reconhecidos pelos alunos como um equívoco, no momento em que a aluna Ana Maria demonstra que não existe falar errado “... porque a gente entende”, o que me leva a acreditar que é

possível minimizar os preconceitos sociais e linguísticos que são tão comuns no cotidiano das práticas da sala de aula e nos discursos gritados pelo Brasil afora.

A compreensão, por parte desses alunos falantes da variedade urbana culta, de que “drumi” e “dormir” são palavras de mesmo significado, mas pronunciadas de modo distinto, segundo os hábitos linguísticos de cada falante, aponta para a aceitação da heterogeneidade linguística do português: os traços descontínuos<sup>3</sup> são vistos como um processo natural de variação da língua, mesmo que sejam objeto de julgamentos e de preconceitos.

Ainda durante a aula, propus a leitura e a discussão de outro texto do mesmo autor Cornélio Pires, *Vida capiau* (NEPOMUCENO, 1999), que gerou outros momentos de reflexão a respeito do uso que os brasileiros fazem de seu idioma materno. Essa interação também me trouxe constatações muito significativas. A letra de música reproduzida a seguir ajudou a compreender como as discussões foram importantes:

#### **Vida capiau**

Aí, seu moço, eu só quiria  
p’ra minha filicidade  
um bão fandango por dia,  
e um pala de qualidade.  
Porva espingarda e cutia,  
um facão fala verdade,  
e ú a viola de harmonia  
p’ra chorá minha sodade.

Um rancho na bêra d’água.  
Vara de anzó, pôca mágua,  
pinga boa e bão café...  
fumo forte de sobejo,  
p’ra compretá meu desejo,  
cavalo bão – e muié...

Após reflexão a respeito dos sentidos sugeridos pelo texto, do vocabulário, dos aspectos discursivos, linguísticos e textuais, retomei a discussão sobre variação linguística:

---

<sup>3</sup> Em uma oposição aos traços descontínuos, destacam-se os traços graduais que, segundo Bortoni-Ricardo (2011, p.23) “[...] ocorrem na fala de todos os grupos sociais em graus variados, independentemente de seus antecedentes rurais ou urbanos [...]”. São exemplos de traços graduais o emprego de construções adjetivas em que a ausência da preposição não é notada como “Onde está o livro [de] que gostei”, ou no emprego do pronome sujeito na posição de complemento como “Eu estava com o livro. Coloquei ele (coloquei-o) em cima da mesa ali.”

**Professor:** A respeito do que estamos discutindo, será que a linguagem rural usada pelo compositor é errada?

**André:** Não... eu não acho, ela mostra a cultura dele.

**João:** A gente pode dizer, professor, que se refere à trajetória de vida da pessoa no meio rural, por exemplo, ou no meio urbano?

**Professor:** Sim... Quem aqui tem pais que nasceram na roça? Um, dois, três, quatro, cinco, seis...sete...*(O professor conta os alunos que levantam as mãos)*. Sete alunos aqui têm pais que nasceram na roça.

**Alessandro:** Meu pai mora até hoje na roça, na roça mesmo, numa fazenda.

**Professor:** Agora, quem aqui tem avós que nasceram na roça, no campo, levantem a mão! Um...dois ... três... doze... treze .... quatorze... dezesseis *(O professor conta os alunos que levantam as mãos)*. Olhem só... dezesseis alunos têm avós que nasceram no campo.

**Professor:** A maioria deles veio para a cidade. Essa, digamos...migração da roça para a cidade representa uma mudança na história de vida deles, vocês concordam?

**Ana Maria:** Sim, eles mudaram muito o jeito de viver.

**José:** Inclusive tiveram que adaptar esse jeito de viver da roça com o jeito de viver na cidade.

**Alessandro:** Hunnn... é mesmo!!! Então eles precisaram se adaptar a uma nova forma de vida.

**Alunos:** Sim...

**Júlia:** Mas eles não deixaram de lado todos os costumes da roça... Acho que eles também usaram na cidade algumas coisas da roça.

**Professor:** Boa reflexão... Que costumes da roça, do campo eles trouxeram para a cidade?

**Maria Eduarda:** A comida, as roupas...

**Yasmin:** O jeito de falar também, né?

**Professor:** Isso... exato.

**José:** O meu avô até hoje fala meio que igual a Tia Policena, do outro texto... usa uma linguagem meio da roça, rural.

**Professor:** Então vejam só... O avô do José ainda usa aqui, na cidade, uma linguagem com características rurais... Isso revela que a linguagem dele mostra toda a sua história de vida, sua trajetória, entendem?

**Júlia:** As pessoas com fala rural não falam errado, eles falam diferente. A gente não pode julgar a linguagem de uma pessoa só porque mora na roça.

**Fernando:** Então é uma variedade, né isso? É um modo de usar o português, diferente de outros como os da cidade. Igual aparece nos dois textos do ... Cornélio.

Na vinheta descrita acima, um fato novo e interessante surge diante das reflexões até então ressaltadas: os alunos se enxergam como falantes de uma variedade linguística

que mescla as características do dialeto rural com as do falar urbano: a variedade rurbana<sup>4</sup>, mesmo reconhecendo também que são falantes de variedade urbana culta.

A compreensão dessa mistura de falares fortalece os pressupostos de que a língua não é única, não é enxergada nem usada a partir de um único ponto de vista, o da norma padrão. Esse reconhecimento reforça que a abordagem do trabalho com a Sociolinguística Educacional na sala de aula possibilita tratar o ensino de português sobre vários ângulos, não apenas o do estudo descritivo da língua, pura e ingenuamente fundamentada em uma didática não reflexiva, mas metalinguística. Trata-se, na verdade, de um ensino que ultrapassa os limites do apelo gramatical, que amplia a consciência de que o português são vários e, por isso mesmo, mutável.

Mais uma vez, a construção da ideia de que fatores externos à língua também garantem os processos de variação linguística é ressaltada nessa parte da interação, principalmente determinada pelos aspectos de mudança de estilo de vida do falante que, mesmo migrando de um espaço sociocultural para outro (rural para o urbano), preserva os costumes e os hábitos de origem do primeiro, ao mesmo tempo que assimilam os da nova estrutura de vida social. Isso foi marcadamente analisado anteriormente, no início deste capítulo, quando analisei os perfis dos alunos colaboradores desta pesquisa.

Essas vinhetas demonstram que os alunos do ensino fundamental são capazes de realizar reflexões profundas a respeito da língua que usam ao passo que constroem uma maturidade linguística e cultural. Nessa perspectiva de pensamento, os alunos passam a reconhecer-se como membros integrantes de um grupo que constrói e reconstrói a própria identidade por meio da língua sem fazerem juízos de valor, sem desmerecimentos, deboches ou ironias, como demonstra o aluno José ao afirmar que

---

<sup>4</sup> Bortoni-Ricardo (2004) propõe para a compreensão dos processos de variação linguística no Brasil alguns parâmetros de observação. Dentre elas, a autora destaca a variação que se originou a partir do fluxo migratório, nas décadas de 40 a 60, de moradores de regiões rurais do país para áreas urbanizadas. Nesse sentido, houve, nesse processo, uma transferência de cultura do plano rural para o urbano, marcado, inclusive, pela linguagem. A fim de explicar mais detalhadamente como esse movimento influenciou a variação linguística no país, a pesquisadora conceitua três variações que têm origem nesse fenômeno social: a variedade urbana (empregada por falantes que originalmente são nativos de regiões urbanas), a variedade rural (marcada por traços linguísticos de moradores de áreas rurais, do campo, muitas vezes estigmatizada) e a variedade rurbana (variedade que aponta a interseção destas duas últimas variedades – urbana e rural – e que é largamente empregada nas periferias de médias e grandes cidades e em pequenos municípios brasileiros).

“As pessoas com fala rural não falam errado, eles falam diferente. A gente não pode julgar a linguagem de uma pessoa só porque mora na roça.”.

Assimilando o processo de variação das línguas, eles acabam por repudiar os sarcasmos historicamente veiculados pela mídia e pelas elites que veem, nos falares do campo, um reflexo da pobreza, de uma cultura menor e, por isso, de um modo de vida desprezado socialmente, quando comparado a um estilo de vida padronizado pela cultura urbana.

Aulas que revelam essas reflexões favorecem a consciência de que as diferentes formas de uso do português, tanto na fala quanto na escrita, não podem fomentar preconceitos. Pelo contrário, reforço a tese de que é necessário e urgente promover um ensino em que o ponto de partida para o trabalho com a língua sejam as reflexões baseadas na variação linguística, como uma temática transversal, que perpassa todos e quaisquer conteúdos das aulas de português, sejam de cunho morfossintático, semântico, pragmático, ortográfico, alcançando as discussões em outras disciplinas, como História, Geografia, Matemática. Só assim será possível efetivamente construir uma pedagogia da variação linguística que possibilite ao aluno pensar sobre o funcionamento do português, sobre os processos de mudança e de variação da língua, inclusive quanto a ocorrência de outras normas de uso, como as formas cultas, prestigiadas.

Vale destacar aqui que é dever da escola ensinar as variedades mais prestigiadas da língua portuguesa. Trata-se de um direito que deve ser assegurado a todos os cidadãos, sejam eles de escolas públicas ou privadas, de modo que possam ser efetivamente competentes quanto a seu uso em quaisquer esferas discursivas. É um direito. É uma obrigação. Enfim, é uma vocação política e garantidora de justiça social.

Todas essas observações e constatações me ajudaram a construir e a compreender melhor o perfil etnográfico e linguístico dos alunos alvo da pesquisa. Consequentemente, também me possibilitaram verificar e colocar em prática novas estratégias de ensino de língua portuguesa.

Para tornar mais clara a pesquisa que foi realizada, buscarei, a seguir, apresentar resultados de um questionário de crenças aplicado a essa turma em dois momentos distintos do ano letivo de 2014, nos meses de fevereiro e de novembro. Assim, foi possível não somente observar alguns aspectos que dizem respeito aos seus hábitos socioculturais, mas também analisar suas crenças quando relacionadas à língua que falam cotidianamente e que estudaram ao longo da escolarização e dos estudos realizados no nono ano, a partir da pedagogia da variação linguística.

Em virtude das reflexões e das atividades propostas nas aulas de Português, todas baseadas em discussões que tratam a língua como evento social, em constante mudança e constituída por processos variacionais de diversas naturezas, algumas constatações podem ser levantadas:

**Tabela 1:** Pergunta 01 do Questionário de Crenças.

PERGUNTA	RESPOSTAS (em %)	
	Fevereiro	Novembro
01) Hoje, você considera que sabe usar a sua língua, o português?	Sim – <b>75,75%</b> Não – <b>24,25%</b>	Sim – <b>97%</b> Não – <b>3%</b>

Enfim, é possível saber usar o português, saber falar o português, conforme apresentam também os resultados das crenças expressas por esses alunos e apresentados nessa terceira tabela: “Você sabe usar a sua língua, o português?”. Contudo, mesmo diante do crescimento de porcentagem dos que passaram a afirmar que sabem usar o português, de 75,75% para 97%, esse resultado mostra que temos incrustado em nossa cultura escolar o vício insistente da pedagogia da gramática pura como o ensino ideal do português de uma elite socialmente dominante, ensino este que faz emergir falas como “Eu não sei português”, haja vista que 24,25% dos alunos afirmaram, na primeira aplicação do questionário, que não sabiam falar português, dado que, para mim, é consideravelmente significativo. É por isso que concordo com Silva (2004, p. 28) quando afirma que “[...] há, sem dúvida, uma distorção no desenvolvimento do ensino da língua portuguesa nas séries escolares, que leva a uma deformação do falante nativo adulto normal que admite, passivamente, ser deficiente em sua própria língua”.

**Tabela 2:** Perguntas 02 e 03 do Questionário de Crenças.

PERGUNTAS	RESPOSTAS (em %)
-----------	------------------



	<b>Fevereiro</b>	<b>Novembro</b>
02) Para você, os brasileiros que moram em zonas rurais, nas periferias das cidades, ou que têm pouca escolaridade ou são analfabetos falam errado?	Sim – <b>42,5%</b> Não – <b>57,5%</b>	Sim – <b>15%</b> Não – <b>85%</b>
03) A linguagem usada por brasileiros que moram nos centros das grandes cidades é mais bonita ou mais certa do que a linguagem usada por moradores das zonas rurais?	Sim – <b>60,5%</b> Não – <b>39,5%</b>	Sim – <b>30,5%</b> Não – <b>69,5%</b>

O mito em torno da ideia de que as variedades rurais e/ou faladas nas periferias são inferiores às urbanas, usadas nos centros das grandes cidades, provoca discussões fortemente ancoradas em pesquisas sociolinguísticas atuais, a exemplo dos estudos de Bortoni-Ricardo (2011), que faz um inventário sobre as interferências dos dialetos rurais nos meios urbanos. Acredito que essa ideia discriminatória pode ser revertida, tendo em vista a realização de um trabalho fundamentado nas reflexões da pedagogia da variação linguística. Isso pode ser verificado a partir dos resultados obtidos em minha pesquisa, referentes às perguntas 02 e 03, que demonstram uma tendência de o aluno, que faz uso de variedades socialmente prestigiadas, quando levado a refletir sobre a questão, abandonar atitudes preconceituosas. Mas assinalo que, embora tenha havido um progresso, principalmente a partir das aulas que foram respaldadas pelos pressupostos da Sociolinguística Educacional, conforme revelam os dados quanto a essa pergunta, em que houve uma redução das respostas referentes ao “Sim”, de 60,5% para 30,5%, reconheço que muito ainda precisa ser feito nesse processo de reeducação sociolinguística.

**Tabela 3:** Pergunta 04 do Questionário de Crenças.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS (em %)</b>	
	<b>Fevereiro</b>	<b>Novembro</b>
04) Dizer “Eles foi tudo pru jogo” tem o mesmo sentido de “Eles foram todos para o jogo”?	Sim – <b>66,5%</b> Não – <b>33,5%</b>	Sim – <b>88%</b> Não – <b>12%</b>

As porcentagens representativas da pergunta 04 revelam, portanto, que, para aqueles alunos, é possível enunciar uma mesma sentença de modos diferentes, empregando palavras, expressões e frases que não necessariamente devam estar associadas ao português urbano. Essa tomada de consciência resulta das aulas que

valorizaram o trabalho pautado na Sociolinguística Educacional e na pedagogia da variação linguística. Esses números anunciam que os conceitos de “certo” e “errado”, em relação à língua, qualquer que seja ela, podem ser repensados, e que os traços descontínuos, vistos como falares “errados”, como no trecho “foi tudo pru jogo”, estão relacionados a atitudes construídas pelo homem, reforçadas por uma cultura politicamente impositiva de certos valores sociossimbólicos.

Os resultados acima analisados bem como as descrições das aulas pautadas na perspectiva da variação linguística comprovam que a construção de práticas escolares que valorizam a reflexão sobre os usos reais da língua reforçam a concepção de que não há espaço melhor para realizar essas reflexões do que a sala de aula.

### **Considerações finais**

Os resultados acima analisados bem como as descrições das aulas pautadas na perspectiva da variação linguística comprovam que a construção de práticas escolares que valorizam a reflexão sobre os usos reais da língua reforçam a concepção de que não há espaço melhor para realizar essas reflexões do que a sala de aula.

Todavia, chamo a atenção para o fato de que não bastam políticas públicas eficientes para melhorar as condições de ensino na escola brasileira. Sobretudo, é fundamental que os professores de Língua Portuguesa e todos os profissionais ligados à educação estejam constantemente atualizados quanto à sua formação.

Por isso, faz-se urgente a participação dos professores de língua em projetos de formação continuada a fim de possibilitar aulas de Português mais produtivas, onde as discussões em torno das diferenças linguísticas, regionais e também socioeconômicas e de escolarização sejam tomadas como combustíveis que propulsionam a reflexão sobre o uso e funcionamento real do português brasileiro, bem como da compreensão de que a diversidade linguística está diretamente relacionada à diversidade social. E isso é possível com um trabalho a longo prazo, em que é também possível enxergar a variação linguística como um tema transversal a ser tratado em todas as abordagens sobre a língua portuguesa, seja no tratamento dado à morfologia, à ortografia, à sintaxe.

## Referências

BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos: A variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade – um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CYRANKA, L. M. F. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, Marco A. VIEIRA, Silvia R. TAVARES, Maria A. (orgs.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

CYRANKA, L. F. M. *Dos dialetos populares à variedade culta: A sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

KEMMIS, S.; MC TAGGART, R. (Eds.). *The Action Research Planner*. Melbourne: Deakin University, 1988.

NEPOMUCENO, R. *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

PIRES, C. *Conversas ao Pé do Fogo – ed. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*, 1987.

MATOS e SILVA, R. V. “*O português são dois...*”. Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.